

III-389 - DESCARTE, COLETA SELETIVA E DESTINAÇÃO RESPONSÁVEL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS GERADOS NA ALDEIA TEKOA PYAU

Alzira Amâncio Garcia

Bacharel em química, especializações: Sócio Psicologia – FESPSP (2009), em Gestão Ambiental FSP/USP (2002), em Limnologia e Manejo de Recursos Hídricos - IIE (2001), em Tratamento de Águas Residuárias - UNG (1995), em Microbiologia Básica - UNG (1993) e aperfeiçoamento em Política Social e Organizações do 3º Setor – Faculdade Renascença (2002). Atualmente é química da Superintendência de Gestão Ambiental/Sabesp e Diretora Secretária de Responsabilidade Socioambiental do SINQUISP.

Endereço: Rua Costa Carvalho, 300 - Pinheiros - São Paulo - SP - CEP: 05429-900 - Brasil - Telefone: (11) 3388.8006 - Fax: 55 (11) 33889027, e-mail: azagarcia@sabesp.com.br

RESUMO

A rotina do índio na floresta é diferente da rotina do índio inserido próximo a uma região urbanizada, na floresta consome o que a natureza oferece e os resíduos gerados são facilmente degradados no meio ambiente. Quando a urbanização chega a aldeia indígena gera transformações no estilo de vida modificando os seus hábitos de consumo, aos poucos produtos industrializados são introduzidos e o indígena se depara com o surgimento de problemas com o acúmulo dos resíduos sólidos gerados. A partir de uma breve contextualização teórica, o presente trabalho se propõe a apresentar o projeto *Descarte, Coleta Seletiva e Destinação Responsável de Resíduos Sólidos Gerados na Aldeia Tekoa Pyau* e realizar uma análise crítica desse projeto visando identificar quais foram os principais aspectos que interferiram nos resultados obtidos. Conclui que quando os produtos industrializados chegam à aldeia se estabelece um novo padrão de consumo que favorece o acúmulo de resíduos e a presença de vetores de doenças, estabelecendo transformações no espaço físico.

PALAVRAS-CHAVE: Aldeia Indígena, índio, consumo, resíduos sólidos, coleta seletiva.

INTRODUÇÃO

A rotina do índio na floresta é diferente da rotina do índio inserido na região urbanizada, pois na floresta o indígena consome o que o meio ambiente produz e os resíduos resultantes de suas atividades diárias são facilmente degradados pela natureza, por ser tratar de resíduos orgânicos. Atualmente, a presença do indígena em áreas urbanas se dá pelo processo migratório e pela proximidade da aldeia com o centro urbano, o índio busca na cidade novidades e de forma equivocada, por “melhores condições de vida”. Todavia, a vida fora da aldeia acarreta uma série de dificuldades e desafios de adaptação à nova cultura consumista.

De acordo com o Relatório das Nações Unidas¹ 54% população mundial vive em áreas urbanas, pois viver em uma região urbanizada proporciona o acesso a um conjunto de estruturas e facilidades, sendo o local onde os indivíduos são de uma forma direta, estimulados a consumir, o que provoca o aumento do volume de resíduos gerados.

Atualmente, são considerados índios 0,4% da população brasileira, ou seja, 817.963 indivíduos, deste total, 315.180 vivem em áreas urbanas. No município de São Paulo, dos 12.977 índios existentes, 11.918 vivem em áreas urbanas, sendo esta a quarta maior população indígena autodeclarada é a primeira no quesito indígenas vivendo em meio urbano (Censo, 2010²).

¹ Edição de 2014 do relatório “Perspectivas da Urbanização Mundial” (*World Urbanization Prospects*) produzida pela Divisão das Nações Unidas para a População do Departamento dos Assuntos Econômicos e Sociais (DESA).

² Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; segundo a ordem de opções apresentadas no questionário, considerando o critério - quesito “Cor ou Raça”.

Na Região Metropolitana de São Paulo - RMSP residem os Guarani que estão distribuídos em Tekoas (aldeias), localizadas no extremo sul e na região noroeste (Pico do Jaraguá). As *Tekoa Ytu*, *Tekoa Pyau* e *Tekoa Itakupe* compõem a Terra Indígena Jaraguá localizada na Estrada Turística Jaraguá, entre as rodovias Bandeirantes e Anhanguera, via de acesso ao Parque do Jaraguá.

A aldeia *Tekoa Ytu* abrigava cerca de 700 índios na década de 80, demarcada com apenas 1,7 hectares, tendo sido caracterizada como a menor reserva indígena do Brasil. Nesse local, os Guaranis se sentiam confinados pela indisponibilidade de espaço para as manifestações religiosas e culturais, o que propiciou a instalação de um estado de extrema vulnerabilidade social, acentuado pelo crescimento populacional. Esta situação favoreceu o surgimento de inúmeros problemas sociais, ambientais, sanitários e ocorrências de determinados tipos de doenças, que afetam com mais frequência as crianças e os mais velhos. Segundo Faria (2015):

“Uma leitura geográfica da ocupação dos indígenas Guarani na metrópole paulistana traz com seu fundamento uma reflexão sobre o conflito entre a propriedade privada capitalista da terra e o direito ao seu uso pelos indígenas. Trata-se do embate entre duas lógicas diferentes, cujas sociedades produzem espaços diferenciados na metrópole, ou seja, marcam com os conteúdos de sua ocupação sua lógica territorial. Há uma disputa por espaços na qual a lógica capitalista, atualmente hegemônica e que como tendência pretende ser homogênea, age nos espaços indígenas por meio da expropriação de suas terras, da ameaça de expulsão, de seu “cercamento” pelo processo de periferização. Processo esse que traz outros conteúdos para a metropolização de São Paulo, como a fragmentação, a valorização, a especulação, a espoliação e a segregação socioespacial.”

Em 29 de maio de 2015 a área foi reconhecida tendo seus limites estendidos, a partir de requisitos técnicos e legais, decisão publicada no Diário Oficial da União, a Portaria Declaratória nº 581, conforme o Artigo 1º - “[...] de posse permanente do grupo indígena Guarani a Terra Indígena JARAGUÁ com superfície aproximada de 532 ha (quinhentos e trinta e dois hectares) e perímetro também aproximado de 20 km (vinte quilômetros) ...”. Conforme declarações do então Ministério da Justiça, José Eduardo Cardozo a assinatura da portaria declaratória “... representa avanço na garantia dos direitos territoriais dos guaranis, de modo a assegurar a melhoria de suas condições de vida e a reprodução física e cultural do grupo”.

Atualmente, as aldeias sediadas no bairro Jaraguá na RMSP apresentam um cenário característico de descuido e abono, chama a atenção a quantidade de resíduos espalhados por toda área e o número de cachorros abandonados, muitos deles doentes, que disputam com os índios o precário espaço físico. Ao longo dos últimos anos, inúmeras matérias foram produzidas a respeito das condições de vida dos índios nestes locais, conforme demonstrado na Figura 1 abaixo apresentadas (2015):



Figura 01 – Aldeia Tekoa Pyau - descarte inadequado de resíduos – Fonte: A.A.Garcia (2015).

Empenhada em resolver esta situação a Liderança Indígena buscou alternativas para sanar o problema de acúmulo de resíduos na área, quando solicitou a um representante do Instituto Kuan Yin, que atuava voluntariamente no local, que ajudasse na implantação de coleta seletiva dos resíduos gerados naquela Aldeia Tekoa Pyau.

OBJETIVOS

O objetivo principal desse trabalho é realizar uma análise crítica do Projeto: Descarte, Coleta Seletiva e Destinação Responsável de Resíduos Sólidos Gerados na Aldeia Tekoa Pyau.

O objetivo geral será desdobrado nos seguintes objetivos específicos:

- promover uma reflexão sobre o processo de urbanização e o indígena;
- contextualizar as condições sanitárias da Aldeia;
- apresentar as etapas do projeto; e
- identificar quais foram os principais aspectos que interferiram nos resultados obtidos.

METODOLOGIA

- Descrever o Projeto de Destinação Responsável de Resíduos Sólidos gerados na Aldeia Tekoa Pyau;
- Caracterizar o público alvo e o local de desenvolvimento do Projeto; e
- Realizar análise crítica com base em literatura especializada.

RESULTADOS

O projeto de **Destinação Responsável de Resíduos Sólidos gerados na Aldeia Tekoa Pyau** foi desenvolvido em atendimento à solicitação da liderança dos índios Guarani de propiciar a capacitação de jovens indígenas, para que atuassem como multiplicadores de “boas práticas ambientais” de descarte e de destinação final dos resíduos sólidos gerados naquela aldeia. O projeto foi concebido no primeiro semestre de 2015, período em que haviam várias manifestações em defesa da demarcação das terras indígenas do Jaraguá e ao mesmo tempo que eram divulgadas pela mídia denúncias sobre as condições insalubres locais. Temendo que essas condições de acúmulo de resíduos sólidos na aldeia pudessem se tornar um impeditivo à demarcação, os índios Guarani buscaram identificar um voluntário que colaborasse na solução do problema.

Para a concepção do projeto foi realizado preliminarmente um diagnóstico com objetivo de caracterizar quais os tipos de resíduos sólidos eram gerados na Aldeia e obter uma estimativa dos quantitativos dos recicláveis, a fim verificar a possibilidade de comercialização desses resíduos. Esta alternativa foi descartada por causa do tipo (embalagens de salgadinhos e garrafas de refrigerante) e da baixa quantidade. Foi ainda, observado que no local havia, restos de comidas jogadas ao lado das casas, peças de roupas espalhadas pelo terreno, carcaças de móveis velhos, além dos *pallets*, usados para alimentar o fogo do preparo de alimentos e das manifestações culturais, condição favorável propagação de vetores de doenças.

Os objetivos do projeto em análise; contribuir o despertar de uma nova consciência quanto aos hábitos de consumo e o descarte dos resíduos gerados da comunidade indígena da aldeia *Tekoa Pyau*.

Foram também determinados os seguintes objetivos específicos;

- capacitar multiplicadores, entre os jovens indígenas, para serem disseminadores de boas práticas ambientais de consumo de bens materiais e de descarte de resíduos sólidos;
- focalizar o perigo no “acúmulo inadequado do lixo” como foco de proliferação de vetores de doenças e como condição precursora de contaminações das águas, do solo e do ar;
- estimular a adoção de novos hábitos de limpeza pessoal e coletiva;
- realizar mutirão de limpeza e coleta dos resíduos sólidos gerados.

O plano de ação desenvolvido foi subdividido em 04 etapas: capacitação, visita técnica, atividade prática (mutirão de limpeza) e avaliação dos resultados, conforme abaixo detalhado:

1. **Capacitação:** Foi elaborado material impresso para distribuição e apresentação em *power point* construídos a partir de elementos da cultura indígena, ilustrações incluindo situações da aldeia com pouca utilização de texto. O conteúdo programático foi desenvolvido abordando os seguintes temas: o que é meio ambiente, de onde vem a água, o cuidado com a terra que dá o alimento, como é usada a água na aldeia, o que acontece com água de poços que é usada, lixo ou resíduo, onde jogar o lixo, vetores transmissores de doença, tipo de resíduos, cooperativa de catadores e reciclagem. O Curso foi realizado em 02 domingos (07/06 e 14/06/2015) no horário das 10 às 15hs, com intervalo de almoço, o qual foi preparado e fornecido por equipe de voluntários.
2. **Visita Técnica:** Visando propiciar aos participantes um melhor entendimento sobre os impactos decorrentes do descarte inadequado, assim como aguçar a percepção de que o “*resíduo sólido é um bem econômico*” foi promovida uma visita técnica monitorada a Cooperativa de Catadores Coopere Centro, a qual proporcionou uma oportunidade de integração dos índios com os Catadores de Resíduos. A visita ocorreu no sábado (20/06/2015) considerando que alguns índios desenvolvem atividades no decorrer da semana. O transporte, lanche e almoço foram doados por entidades parceiras.
3. **Mutirão de Limpeza:** A atividade prática foi desenvolvida por meio de um mutirão de limpeza que realizou a coleta dos resíduos acumulados na Aldeia. Nesta etapa do projeto foram convidados além dos participantes do curso de capacitação, outros indígenas e voluntários, captados via convocação realizadas nas redes sociais. O evento foi realizado no dia 06/09/15 (domingo). As ferramentas utilizadas para a coleta dos resíduos como: EPIs para coleta dos resíduos sólidos, vassouras para limpeza da área externa, espetos para coleta de papel, luvas, máscara, sacos de lixo, material para limpeza banheiros (cloro e sabão em pó), carrinho de mão, caminhão para coleta de resíduos etc. foram também recebidos como doação.
4. **Manutenção e Controle:** Esta atividade não foi concluída conforme o previsto, por falta de organização da equipe de trabalho, sendo que para avaliação dos resultados foram estabelecidos os seguintes critérios de aceitação para o projeto: Participação de 70% dos índios indicados pela liderança; destinação ambientalmente adequada dos resíduos removidos das áreas de uso comum da Aldeia e implantação da infraestrutura fixa (alvenaria) para o descarte dos resíduos.

Materiais - Os recursos financeiros e materiais foram doados por entidades que foram convidadas a participar com parceiras do projeto. No folder elaborado para convocação dos voluntários foram nomeadas todas as entidades que colaboraram, conforme figura 02.



Figura 02: Folder utilizado para a convocação de voluntários para o mutirão de limpeza.

A colaboração e o apoio das 10 entidades viabilizaram a estruturação do projeto e a execução das ações planejadas. Abaixo estão relacionados os resultados (parciais) obtidos:

- Participação de 30 voluntários que se dispuseram a participar do Mutirão de Limpeza da Aldeia Tekoa Pyau mesmo na véspera do feriado de 07/09/2015;
- Participação de 70% dos índios indicados pela liderança na atividade de capacitação;
- Colaboração das entidades que doaram recursos materiais e financeiros para realização das atividades;
- Retirada de 04 caçambas de resíduos (aproximadamente) retiradas posteriormente pela Subprefeitura de Pirituba; e
- Destinação ambientalmente adequada dos resíduos removidos das áreas de uso comum da Aldeia.



Figura 03 – Participação dos voluntários e dos índios no mutirão e o volume de resíduo coletado. Fonte: A.A.Garcia (2015).

O monitoramento não foi realizado conforme o planejado, uma vez que os índios se alternavam na participação dos módulos, não houve uma frequência regular que caracterizasse o interesse e a motivação dos participantes. Considerando ainda que o gestor do projeto só tinha disponibilidade de tempo aos domingos, o que impossibilitou de se dedicar e de se envolver mais com a comunidade indígena para continuidade das intervenções e para uma melhor percepção da efetividade dos resultados.

CONSIDERAÇÕES

Viver em uma região urbanizada propicia o acesso a um conjunto de estruturas que garantem comodidade tais como: transporte, rede viária, água potável, redes de esgotamento, energia elétrica, gás, telefone etc., mas que também estimulam o consumo “exacerbado” de bens materiais e serviços, que leva a um aumento na quantidade de resíduos gerados. Gunther (2008) afirma que

“inegavelmente o ambiente urbano proporciona maior facilidade de acesso a bens e serviços e melhores oportunidades. A concentração populacional permite o atendimento de infraestrutura de serviços básicos de forma mais racional. No entanto o adensamento populacional aumenta também a produção de resíduos sólidos e traz a reboque a questão de como gerenciar o volume gerado diariamente, como proceder a sua recuperação e tratamento para minimizar a quantidade e como solucionar a necessidade de espaço para sua disposição final”.

Chama a atenção, a indiferença e a desatenção das pessoas quanto ao descarte dos resíduos resultantes de suas atividades diárias, conduta que vem causando impactos no meio ambiente, provocando mudanças significativas na qualidade da vida, causando danos à saúde pública e ao bem-estar da população. Depositar lixo em locais impróprios atrai e favorece a proliferação de baratas, ratos, escorpiões, mosquitos, portadores de bactérias e vírus transmissores de doenças que causam diarreias infecciosas, amebíase, leptospirose etc.; conforme a tabela 1.

ANIMAL	VEICULO	DOENÇAS
Ratos e pulgas	Mordida, urina, fezes e picada	Leptospirose, peste bubônica, tifo murino
Baratas	Asas, patas, corpo, fezes	Febre tifóide, cólera, giardíase
Moscas	Asa, patas, corpos fezes e saliva	Febre tifóide, cólera, amebíase, disenteria, giardíase
Mosquitos	Picada	Malária, febre amarela, leishmaniose, dengue, zika, e chikungunya.

Tabela 1: Doenças relacionadas com o depósito inadequado lixo (Fonte: adaptado de Funasa, 2004).

A presença do indígena nas áreas urbanas se dá tanto pela proximidade da aldeia com a região urbana, quanto pelo processo de migração, quando o índio busca na cidade “melhores condições de vida”. Todavia, a vida urbana acarreta em uma série de dificuldades e desafios de adaptação a nova cultura. Ribeiro (2010) entende que:

“Aos poucos, com a acumulação das experiências e vivências, os índios me foram desasnando, fazendo-me ver que eles eram gente. Gente capaz de dor, de tristeza, de amor, de gozo, de desengano, de vergonha. Gente que sofria a dor suprema de ser índio num mundo hostil, mais ainda assim guardava no peito um louco orgulho de si mesmo como índios. Gente muito mais capaz que nós de compor existências livres e solidárias. [...] Capacitei-me do alto valor explicativo que podem ter os estudos que focalizam os índios, não como amostras de uma humanidade prístina, mas como gente humana, adaptando-se penosamente aos novos tempos para sobreviver tal qual é ou era.”

Convém lembrar que os índios ainda em primitiva condição de habitantes das florestas são diferentes daqueles que vivem em áreas urbanizadas, em contato com a civilização, que passam a assimilar, gradativamente, a “cultura do não índio”, inclusive os hábitos de consumo. Os ancestrais indígenas geravam como resultado de suas atividades diárias na floresta uma quantidade pequena de resíduos como sementes, ossos de animais, restos de alimentos, que eram facilmente degradados pela natureza. Vivendo em áreas urbanas passam a consumir uma diversidade de produtos industrializados e se deparam com o impacto ambiental que os resíduos provocam e os danos à saúde humana, quando descartados inadequadamente e quando acumulados em locais impróprios. De acordo com Mindlin (1985)

“as novas necessidades de consumo e renda monetária fazem indagar como preservar a comunidade e sua densa vida cultural e social, participando, ao mesmo tempo, da efervescência econômica da região, que também desejam, e cuja crítica ainda não tem instrumentos para fazer. O funcionamento da nossa economia e as relações de desigualdade nela existentes lhes escapam; ficam fascinados pela nova tecnologia e variedade de bens, curiosos por conhecer o mundo exterior.”

William Macena, índio guarani da aldeia Tekoa Pyau recorda como era a vida tradicional dos Índios Guarani Mbya, como era o ritmo diário, quando não se havia telefones celulares, aparelho de som, televisão, máquinas de lavar, salgadinhos e refrigerantes, pois:

“antigamente quanto nós caminhávamos íamos para outras aldeias. Se não fosse por esse motivo caminhávamos a procura de formar nova aldeia. As vezes reuníamos três ou cinco famílias ou mais para juntos caminharmos. Antigamente para os antepassados não existiam limites de terras para nós vivermos. Quando juntos íamos caminhar cada membro das famílias casadas plantavam: milho, feijão, mandioca, batata doce e amendoim, para se alimentar. Depois de colher o que plantamos nos reuníamos na Casa de Rezas e então convidávamos nosso rezador para relatar sobre a viagem e a direção deveríamos seguir. Então o rezador quando rezava suplicava aos espíritos (anjos) para proteger nossa caminhada. As mulheres cozinhavam mandioca, assavam batata doce e faziam beiju. Os alimentos feitos eram guardados na cesta, para deles era reservado para as crianças comerem no dia seguinte, de manhã, antes da viagem. Em seguida, ao segundo canto do galo, os mais velhos se levantavam e tomavam chimarrão até as crianças acordarem. Depois davam início à caminhada. Então quando as crianças acordavam, alimentavam-se para caminhar. Nossa caminhada era importante também para levarmos mensagens para nossos parentes como também para outras aldeias. Quando caminhávamos seguíamos por caminhos através das matas, desde cedo só parando para comer. Eles paravam em locais próximos de água para beber, depois de comer descansavam e voltavam a caminhar, só parando para dormir à tardinha.” Godoy (2007).

O índio Guarani não está equivocado, no que se refere a análise que faz para avaliar a forma como “os não índios” se relacionam com o meio ambiente, os fatos comprovam, de acordo com a declaração dos jovens Guarani Mbya que moram no Estado de São Paulo;

O Guarani é um grande conhecedor da Ka'aguy ovy que o Juruá, o não-índio, chama de Mata Atlântica. A Ka'aguy ovy é um espaço sagrado, é a morada de Nhanderu, o criador da vida. A destruição da Ka'aguy ovy pelo Juruá vem sendo acompanhada por nós Guarani há muito tempo. O Yvy rupa, como chamamos o território tradicional Guarani, vem sendo loteado e desmatado, gerando o esgotamento dos recursos naturais da Ka'aguy ovy. Hoje, temos acompanhado o Juruá se mobilizando para resolver os problemas ambientais criados por seu modelo de desenvolvimento. Para o Guarani não é novidade o que vem acontecendo. Os Xeramoí, que são nossas autoridades espirituais, já nos alertavam há muito tempo que um dia o Juruá iria perceber as consequências que suas atividades vêm trazendo ao meio ambiente. Por causa disto a natureza vem enviando sinais em forma de secas, enchentes, furacões e mudanças climáticas. O mundo Juruá trata da natureza somente como um bem capital. Nossos antepassados nos ensinaram que os recursos da natureza devem ser usados com sabedoria. Os juruás que poluem os rios e derrubam as matas não estão sendo sábios porque comprometem o equilíbrio da vida em prejuízo de todos, por isso, somos contrários a maneira como o Juruá vem tratando da natureza ...” (2013).

ANALISE DOS RESULTADOS

A principal dificuldade para a estruturação e a execução do projeto foi a barreira cultural, para uma atuação voluntária eficaz é importante um conhecimento prévio dos valores reverenciados pela tribo e buscar uma melhor interatividade, participando da realidade do dia a dia na aldeia.

Importante destacar que na visão do Índio Guarani o grande destruidor do meio ambiente é o *Juruá* (homem não índio), no entanto ao consumirem os produtos industrializados eles desconhecem os impactos decorrentes do descarte inadequado e da queima dos resíduos sólidos gerados (contaminação das águas, solo e do ar) e os agravos à saúde humana provocados pelo acúmulo de resíduos nos locais de moradia e nas regiões de entorno.

O projeto foi solicitado pela liderança indígena, pois os “mais velhos” são os responsáveis por preservar as tradições, mas mesmo assim a adesão dos jovens não foi satisfatória, as atividades foram realizadas nos finais de semana e no feriado. Desta forma o projeto teve que competir com outras atividades que semanalmente são desenvolvidas na aldeia; o futebol no campo, a música no rádio, as curtidas e as novidades do facebook. Trata-se de questões desafiadoras para quem deseja atuar em projetos sociais junto as comunidades indígenas, o que demanda voluntários com formação ou com um mínimo de conhecimento de sociologia e antropologia para a aplicação de ferramentas específicas, que poderiam atribuir uma melhor qualidade as atividades que foram desenvolvidas.

A Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI que foi criada em outubro de 2010, órgão específico ligado diretamente ao Ministério da Saúde para implementação da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, tem como objetivo planejar e coordenar as ações de saneamento em aldeias indígenas. Compete a SESAI, dentre outras responsabilidades, desenvolver ações de saneamento, incluindo atividades referentes a segregação e descarte adequado dos resíduos, orientando e colaborando na implantação de infraestrutura para o descarte adequado dos resíduos em atendimento ao disposto na Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei Federal 12.305/2010).

Por falta de equipe técnica e por problemas de logística, não se percebe uma atuação efetiva da SESAI nas aldeias dos índios *Guarani Mbya* no Pico do Jaraguá, há inclusive uma certa insatisfação declarada por parte dos Guaranis quanto a ineficiente atuação desta Secretaria, inclusive quanto a atuação da FUNAI e as dificuldade geradas na implementação das ações demandadas. No local há uma Unidade Básica da Saúde (UBS), onde os funcionários fazem um bom trabalho, mas não é suficiente para a demanda do local, conforme alegações da liderança indígena.

O cenário nas aldeias do Jaraguá é de descuido e de abono aonde as moradias são construídas com madeiras. Por se tratar de uma área pouco extensa chama a atenção, o número de cachorros abandonados, muitos deles doentes, que disputam com os índios o precário espaço físico.

A Sabesp implantou no local a infraestrutura necessária para a distribuição de água tratada, assim como a rede coletora do esgoto gerado, encaminhado para tratamento, todavia, a maioria dos banheiros e dos tanques que são externos e de uso coletivo, está entupido devido ao mal-uso, os sifões foram retirados para dar escoamento ao esgoto, que acaba escorrendo pelo caminho não chegando a rede coletora. As crianças são as que mais sofrem, porque elas brincam à vontade na terra, andam seminuas e de pés descalços em cima do esgoto, correm pela aldeia e acabam tendo contato com as fezes dos cachorros e com os lixos espalhados no chão. O descarte inadequado e o acúmulo de lixo favorecem a presença de ratos e de outros vetores de doenças.

CONCLUSÕES

Os índios quando se integram ao ritmo das regiões urbanas, vivenciam uma nova experiência, provocada por um choque, cultural quanto aos hábitos de consumo praticados, ainda porque as mudanças ocorrem de forma acelerada, em um tempo diferente do que eles estão acostumados a vivenciar. As mudanças que ocorrem em uma sociedade ecoam promovendo transformações comportamentais nos indivíduos e propiciam inversões nos valores pessoais, Laraia (2005) considera que:

“Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palcos do embate entre as tendências conservadoras e as inovadoras. As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos.”

O indígena integrado ao ritmo da vida urbana torna-se consumidores dos produtos industrializados e ao final não sabem como lidar com os resíduos resultantes de suas atividades diárias, aliás alegam que não são eles que poluem o meio ambiente e sim as embalagens que os “não índios” produzem, pois eles indígenas são cuidadores do meio ambiente.

Talvez por falta de equipe técnica e por problemas de logística, não se percebe uma atuação efetiva da Secretaria Especial de Saúde Indígena -SESAI nas aldeias dos índios Guarani Mbya no Pico do Jaraguá, existe inclusive certa insatisfação declarada por parte da Liderança da Aldeia quanto a ineficiente da atuação desta Secretaria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOFF, Leonardo. Ecologia Grito da Terra, Grito dos Pobres 2 ed. São Paulo: Ática, 1996.
2. BOVO, Elisabetta (Coord). Grande História Universal – O princípio da civilização, Barcelona; Ediciones Folio, S.A. 2006.
3. BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas. - 2ª Edição – Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2002. 40 p.
4. FARIA, Camila Sales de. A luta Guarani pela terra na metrópole paulistana: contradições entre a propriedade privada capitalista e a apropriação indígena. (Tese de Doutorado). São Paulo, 2015.
5. GODOY, Marília, G Ghizzi (Coord). Nhande reko Ymaguare a'e aygua – nossa vida tradicional e os dias de hoje: Índios Guarni Mbya. Coordenação de Marília G. Ghizzi Godoy. São Paulo: Terceira Margem, 2007.
6. GUNTHER, Wanda M. Risso. Sólidos no Contexto da Saúde Pública. Texto de sistematização crítica de parte da obra da candidata apresentada a USP/FSP. São Paulo, 2008.
7. LARAIA, Roque de Barros. Cultura um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
8. MINDLIN, Betty. Nós Paítei - Os Suruí de Rondônia. Petrópolis – Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1985.
9. ODUM, Eugene P. Fundamentos da ecologia. Lisboa: Fundação Clouste Gulbenkian, 1997. p. 118.
10. RIBEIRO, Darcy. Meus Índios, minha gente, Darcy Ribeiro; (apresentação Eric Nepomuceno). Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro; Brasília, DF: Editora UnB, 2010.

11. RIBEIRO, Darcy. O Processo civilizatório: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
12. SUCHANEK Márcia Gomes O. Povos indígenas no brasil: de escravos à tutelados. Uma difícil reconquista da liberdade. Confluências, Vol. 12, n. 1. Niterói: PPGSD-UFF, outubro de 2012, páginas 240 a 274. ISSN 1678-7145.
13. TORO A., Jose Bernardo & WERNECK, Nísia Maria D. Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação. Brasília: Belo Horizonte: Autêntica, 2004.